

A NOVA ERA

por Mário Soares

1. Quando os leitores lerem este artigo no Diário de Notícias, a América do Norte, a Europa e o resto do Mundo preparam-se para seguir, com natural curiosidade, a passagem de testemunho e o acto de posse do 44º Presidente dos Estados Unidos: Barack Obama. Trata-se de um dia histórico: pela primeira vez um afro-americano entra e se instala, por direito próprio, dado pelo voto popular, na sala oval da Casa Branca. Mas mais do que isso: em nome da mudança e para assegurar a mudança, não só nos Estados Unidos, mas também nas relações da primeira potência mundial com o resto do Mundo, com a ONU e com o outro pilar Atlântico, a União Europeia.

Obama chega à Casa Branca num momento de rara gravidade, dada a crise financeira e económica global - a que urge fazer face, com êxito e rapidez - perante excessivas expectativas e exigências, à frente de uma jovem equipe, que se crê inovadora, díspar, pragmática e pluri-partidária, inspirada por um jovem Presidente, humanista, multi-racial, patriota e que pretende renovar o "sonho americano", no melhor que tem: o pioneirismo e o idealismo político, social e ambiental, cujas referências principais são os grandes Presidentes Abraham Lincoln, o anti-esclavagista e Franklin Roosevelt, o construtor do New Deal, que salvou a América da crise e, depois, foi o vencedor do militarismo japonês e do nazismo, grande propulsor da Carta do Atlântico e da criação das Nações Unidas.

Obama prometeu a mudança e vai empenhar-se a fundo em a realizar, aliás, essencial para vencer a crise. Não tenho dúvidas, que conseguirá. Mas veremos como e até que ponto...

2. A União Europeia segue, obviamente, com a maior atenção, o que está a passar-se na América do Norte. Mergulhada na pior crise de sempre - cujos dirigentes políticos, com raríssimas excepções, aliás, não previram - e querem também a mudança, sem a qual, sabem, precipitarão os seus países na decadência. Mas, curiosamente, os seus dirigentes são os mesmos do passado, com as mesmas ideias, só parecem pensar na sua sobrevivência política, ou seja: querem mudar o mínimo possível para que tudo fique na mesma ou quase. O que é uma impossibilidade nos seus próprios termos...

Com efeito, na União Europeia, tudo está a degradar-se, sem remédio. A crise está a aprofundar-se todos os dias. Os escândalos financeiros e as gestões fraudulentas, de bancos e grandes companhias, sucedem-se. As medidas, até agora tomadas, para ultrapassar a crise, são casuísticas, e não obedecem a uma estratégia de conjunto nem, muito menos, concertada entre todos. Cada país trata de si e os outros que se arranjam... Não consta que tenha havido responsáveis da crise, em nenhum país, ou, se existem, escondem-se sob o silêncio cúmplice, à espera que a tormenta passe. Nada mudou no sistema. O Povo Europeu, que devia ser informado pelos responsáveis - visto que lhe pedem o voto, não é e a desconfiança cresce. Ora, é conhecido que a confiança é um elemento fundamental para combater a crise. Não existe. E nem sequer se

promove a transparência quanto às medidas tomadas e os responsáveis pelo que aconteceu, parece desejar-se que fiquem impunes...

No plano institucional, a União Europeia patina. Que se passa com o Tratado de Lisboa? Ninguém é capaz de responder. Alguém pensa que a União pode ganhar credibilidade no exterior, como tanto necessita, para ser reconhecida como agente global, ignorando-se qual vai ser o seu rumo político? As eleições europeias estão à porta e pergunto-me com que convicção vão votar os europeus? Com a ambiguidade e as hesitações dos Líderes e o descrédito com que são olhados?

O Povo Europeu não deixará de se perguntar - estimulado pela mudança americana - onde estão os dirigentes capazes de falar claro, dizer-nos a verdade e estimularem-nos - como Obama - no sentido de uma mudança de paradigma, política, económica, social e ambiental, absolutamente indispensável para vencer a crise. Assim, vai a União Europeia a viver cada dia sem qualquer visão de futuro... Os partidos europeus têm que perceber que é necessário que apresentem, aos seus eleitores, planos para o futuro estruturantes, claros e aliciantes.

3. O ministro das Finanças português, em conferência de imprensa, apresentou ao País o chamado Orçamento Suplementar e rectificou, como se esperava, as previsões para 2009. Falou claro, sem papas na língua e admitiu a hipótese, bem provável, de os resultados - dada a incerteza dos tempos - ainda poder ter de vir a ser de novo rectificado. Foi bom ter sido claro, apesar da sua intervenção pecar por tardia. Mas mais vale tarde do que nunca. Os portugueses, como todos os europeus, têm direito a conhecer com verdade a situação com que estão confrontados - e com o que contam, no futuro próximo - e conhecem agora o que os espera, na versão do principal responsável das finanças portuguesas, cuja competência ninguém ignora.

Mas, como disse, e é verdade, "as projecções valem o que valem". Contudo, os governos têm de agir, como disse. É a sua estrita obrigação. É certo que o nosso não pode ser acusado de não ter feito tudo o que podia. Mas há, naturalmente, pontos polémicos quanto aos investimentos - e aos resultados efectivos que virão a ter - e às grandes obras em que irá lançar-se para minorar o desemprego. Quanto a esses dois pontos era bom que o Governo esclarecesse melhor os portugueses, para evitar especulações.

O objectivo prioritário - como foi dito - é lutar contra o desemprego como meio de dinamizar a economia real e, ao mesmo tempo, castigar as especulações da economia virtual. Quanto a este último ponto temos que ver, para saber. O desemprego vai subir, talvez mais do que se prevê - a 9 ou 10% - e o deficit talvez se consiga que não vá além de 3,9%, como agora foi anunciado. O que nos recorda o verso de Camões: "mudam-se os tempos, mudam-se as verdades"...

Mas se virmos o que se passa na nossa vizinha Espanha, a situação é pior. No mesmo dia, Solbes, o ministro das Finanças, anunciava: "a pior recessão de sempre. A crise destruirá 600 mil postos de trabalho, o desemprego chegará aos 16% e o deficit rondará 6%". E concluía: "vamos viver momentos muito duros em 2009".

No mesmo dia, 17 de Janeiro, Le Monde anunciava que alguns países da zona euro estão a sofrer uma dura recessão. E dava como exemplos: Espanha, Grécia, Irlanda e Portugal. Isto é: a crise é geral e vem de fóra, como sabemos.

Por isso, parece-me francamente injusto que a Dr^a. Maria Manuela Ferreira Leite, líder do PSD, tenha comentado o "orçamento suplementar" atribuindo todas as culpas à política do Governo Sócrates. Onde viverá, pergunto, com todo o respeito, a Dr^a Ferreira Leite, para ignorar tudo o que se passa no Mundo e, especialmente, na União Europeia? Será que está tão obcecada por Sócrates, que não vê o que se passa à nossa volta?...

Lisboa, 20 de Janeiro de 2008